



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 5.6.2013

Hora: 16h30min.

Local: Sala do prof. Almir Bueno – CERES – Caicó/RN

Entrevistado: Dirceu Ribeiro de Faria

Responsável pela transcrição: Edilson Pedro Araújo da Silva (bolsista)

Almir Bueno: Você entrou aqui como estudante?

Dirceu Ribeiro de Faria: Estudante.

Almir Bueno: Em que ano?

Dirceu Ribeiro de Faria: Em 1974.

Almir Bueno: No curso de Pedagogia.

Dirceu Ribeiro de Faria: Letras. Fui fundador. Aluno fundador do Campus.

Almir Bueno: E como professor?

Dirceu Ribeiro de Faria: Em março de 1980.

Almir Bueno: Antes de entrar na Universidade, você teve alguma participação de movimento secundarista, de atuação ou participação?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não, não. Eu trabalhei no teatro quando era professor do Estado. E fui professor do Estado de 74 até 78. E eu nessa época trabalhei num grupo de teatro. Eu vou me ater a três períodos que eu me lembro... Meu Deus do céu, minha mente... Em 1964, depois do golpe, foram presas três pessoas aqui em Caicó: Alfredo Ribeiro de Faria, Mário Edson e Beto Barbeiro. Essas pessoas pertenciam ao chamado “grupo dos 11”. E aqui em Caicó funcionava, mas pessoas que tinham realmente ideologia eram poucas. As pessoas que tinham ideologia, cinco ou seis pessoas, principalmente na área do comércio no centro da cidade, eles formavam os grupos, às vezes com pessoas que estavam ali realmente sem nenhum saber... Então o que se pode saber realmente era uma pessoa que tinha ciência, que tinha ideologia em Caicó, que era Beto Babeiro, que militava...

Almir Bueno: Que militava... assim PCB?

Dirceu Ribeiro de Faria: Eu não sei. Naquele tempo eu acho que era o PTB, o Partido de Brizola, né o PTB?

Almir Bueno: PTB. [inaudível]

Dirceu Ribeiro de Faria: Tem Antônio relojoeiro, mas ele faleceu. Tem outro que me disseram que era muito atuante, Sebastião Viola, hoje ele tá com Alzheimer, não se lembra mais de nada... [inaudível] Então num jogo de futebol na Escola Walfredo Gurgel foram presos Mário Edilson e meu tio Alfredo Lourenço e Beto Babeiro também. Eles foram levados para o Exército, fizeram depoimentos... E eu não sei por que entregaram ele a justiça comum.

Almir Bueno: Foram presos aqui em Caicó?

Dirceu Ribeiro de Faria: Aqui em Caicó. Quando tio Alfredo saiu do Exército, quando ele chegou em casa e foi embora pra Alagoas. Depois quando ele voltou, parece que ele ainda prestou um depoimento no 16 RI ali em Natal.

Almir Bueno: Era pra onde o pessoal ia.

Dirceu Ribeiro de Faria: Bom, esse é um período.

Almir Bueno: Os outros dois estão vivos ainda? Não?

Dirceu Ribeiro de Faria: Só tem Mário Edson, que é o dentista... Então pronto, nesse período eu frequentava muito a oficina de ourives do meu tio e ouvia essas histórias e comecei a me corresponder com uma menina de Recife, a nossa correspondência era exatamente falando do movimento. E ela me contava tudo que acontecia no Recife. Essa minha correspondência era 66/67. 68 eu já participava um pouco do movimento estudantil. E tinha uma sede do União Estudantil Caicoense e um dia a gente tava na reunião e um dia eu tive uma discussão com Ruy Pereira dos Santos... Então Ruy, Salomão Gurgel, Jaime Calado, eu vou indicar pra vocês essas pessoas. Então eu peguei uma discussão com Ruy, me chateei e entrei na casa, porque nós fazíamos a reunião num armazém que uma senhora dava pra gente. Quando eu tava no banheiro ela bateu na porta e disse: “meu filho a polícia chegou aí, vocês saiam pelo muro.” E eu saí pelo muro. E o Exército foi lá e recolheu álbuns de fotografia e toda a documentação do pessoal. Não levou ninguém, mas algumas pessoas foram prestar depoimento. Não sei bem quem. Salomão acho que vai lhe dizer, talvez Cícero Gomes. [inaudível] E eu me respondi com essa menina. Então começou a chegar carta aberta, e na segunda carta aberta eu me apavorei e não respondi mais. E tive a oportunidade de mandar dizer a ela que ela não escrevesse mais pra mim e eu não ia mais escrever pra ela porque uma irmã dela veio a Caicó e eu mandei dizer pela irmã dela que ela não escrevesse mais nada pra mim. Ou então a gente podia conversar outras coisas, mas não mais nada sobre política. Eu ainda recebi duas cartas abertas. Eu ainda tinha umas cartas dessas até pouco tempo. [inaudível] aí em 68 eu fazia o segundo ano científico quando essa turma que eu estou falando, Salomão, Ruy e várias pessoas, organizaram uma passeata, passaram no CEJA, passaram no Santa Teresinha, passaram no Diocesano chamando a gente e a gente saiu da sala de aula correndo e a gente desceu na Avenida Coronel Martiniano, dobrou ali à direita e foi até a Praça da Liberdade, até o Coreto, e de lá foi pra rua, ficou uma fila de soldados na Coronel Martiniano e a gente passou cantando o hino do Brasil, e eu estava nessa passeata, e eu lembro bem do discurso de Salomão, Salomão subiu no coreto e disse a seguinte frase: “Enquanto o soldado tomba no Vietnã, soldados nossos estão tombando no Rio de Janeiro”. Que foi exatamente ao dia anterior a morte de Edson Luiz

no Rio de Janeiro, no calabouço. Foi logo após a morte de Edson Luiz que foi essa passeata. Num foi em 68 a morte de Edson Luiz?

Almir Bueno: Foi.

Dirceu Ribeiro de Faria: Aí houve essa passeata aqui.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Há um relatório de História Oral no LABORDOC que relata essa passeata, que foi desencadeada por Salomão Gurgel.

Dirceu Ribeiro de Faria: Eu não lembro a data, porque naquela época a gente não tinha essas informações tão... Eu só sei que foi pós-morte de Edson Luiz... [inaudível] Bom, eu participei disso e fiquei meio alienado, né? Eu não participei mais de nada, Salomão foi embora, o pessoal, Jaime também foi embora de Caicó... Veio a Universidade em 74, mas na Universidade aqui a gente sabia que tinha pessoas, sempre tinha um militar na sala da gente, sempre tinha... Nunca vi tanto militar estudando naquela época. Ou mulher de militar ou militar. Todas as salas de aula, em todos os cursos tinha isso.

Almir Bueno: Você lembra se eles frequentavam regularmente ou... Tem caso assim que o pessoal aparecia esporadicamente na sala de aula e depois sumia...

Dirceu Ribeiro de Faria: Não eles aqui frequentavam, eles frequentavam, mas depois a gente sabia que ele não estava matriculado normalmente no curso... Porque apareciam assim, de repente, não faziam vestibular... De repente eu estava assistindo aula de literatura e tinha militar, no curso de Letras, o quê que ele tá vendo numa aula de literatura na minha sala? E nós tínhamos um professor que o pessoal dizia que ele era dedo duro, a gente tinha um pouco de... O professor Fidelis, aí não sei! Eu to dizendo isso, mas a gente nunca provou que Fidelis era dedo duro, a gente tinha medo de Fidelis porque Fidelis tinha vindo de Brasília, trabalhava no Senado e chegou aqui e a gente tinha medo... Aí aquelas histórias: cuidado com Fidelis, alguém viu Fidelis numa vila militar, entrando numa casa de um oficial.

Edilson Pedro Araújo da Silva: O senhor sabe dizer se ele ainda está por aqui?

Dirceu Ribeiro de Faria: Tá. Fidelis tá aqui. [inaudível] Então pronto, foi esse período, nunca houve nada. Naquele período eu tive um problema com um professor que na época era o Diretor do que na época era o NAC. E teve e eu fui chamado...

Almir Bueno: Quem era?

Dirceu Ribeiro de Faria: Foi Zé Mário. E eu fui chamado por um... (bate com a chave do carro na batera) E essa pessoa era daqui, era até irmão de um amigo meu. E de repente ele disse que era da Universidade, mas que eu não aborrecesse ele, não aborrecesse mais o Diretor que eu podia me dar mal.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Foi em que ano esse desentendimento, o senhor se recorda?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não, eu não me recordo. Eu entrei em 74... Isso foi em 76/77 já perto de eu sair, porque o primeiro diretor não foi Zé Mário, segundo... Zé Mário foi o terceiro diretor. Ele chegou e foi muito claro comigo que eu ficasse na minha, se não... E eu não... Era tudo muito pessoal, não tinha nada de político, nada... [inaudível] E era Diógenes o reitor nessa época. [inaudível]

Almir Bueno: Mas movimento maior tipo a passeata que você mencionou, aqui no CERES?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não, não houve mais movimento em Caicó. Tinha a UCA (Associação Universitária dos Alunos Universitários), promoviam-se festas, teatro. Houve teatro universitário... Mas não houve mais movimentação política porque a gente se pelava de medo. A gente se pelava de medo na Universidade, a gente era tudo cochichando: “aquele cara que chegou assistindo essa aula hoje...” Então a gente [inaudível]. Sim, aí eu já era professor em 80... [inaudível] Quando eu entrei aqui, eu entrei em março, eu acho que eu abril ou maio houve uma greve grande, foi uma greve que a gente saiu muito bem com Ester Bueno dando um bom aumento a gente, e daí eu já me associei a ADURN e já fazia “ponte” daqui pra Natal, que o representante era até Ricardo Pinheiro aqui e eu me lembro que eu fui a uma assembleia da ADURN em

Natal e depois dessa assembleia houve um negócio no calçadão, nesse tempo tinha um calçadão na João Pessoa, né? E houve ali uma reunião da gente. E quando eu cheguei a Caicó e isso eu não sei se é verdade, tinha um filho da mãe aqui, professor que era filho de um militar, ele veio me dizer que o meu nome está no quartel porque eu estava participando de um ato público em Natal [bate com a chave do carro na cadeira que está sentando], fui fotografado etc. etc., quase que eu morro de medo. Mas como a gente não acreditada muito nesse filho da puta, aí ele disse que “foi chamado também, que era filho de militar “e me saí bem, você, cuidado, você vai ser chamado”.

Edilson Pedro Araújo da Silva: O senhor lembra o nome dele?

Dirceu Ribeiro de Faria: Sim me lembro, o nome dele é Gilvan, Gilvan Borba. Quando eu voltei desse ato público em Natal ele disse que eu ia ser chamado. Nunca fui chamado, graças a Deus. É mais ou menos isso que eu sei aqui de Caicó.

Almir Bueno: Nesse período assim você não tem nenhum conhecimento de uma ação mais específica de cerceamento da Liberdade de Expressão, algum caso mais específico quando professor, quando aluno ou funcionário?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não, não. Porque o pessoal era muito pacato e o pessoal daqui que era professor, e naquela época nós tínhamos poucos professores aqui, era padre, já era o pessoal mais da Direita, padre não, mas juiz. E os professores que vinham de Natal eram professores que chegavam aqui, davam aula e iam embora, né? De cerceamento assim eu não conheço nenhum caso, não. De ação específica porque de uma maneira geral nós éramos cerceados o tempo todo. [inaudível] Inclusive, até no início do CERES mesmo em 1974 eu tive um grande desentendimento com o diretor, eu o enfrentei. Até hoje ele ainda fala com padre João Medeiros, você já ouviu falar em padre João Medeiros? Até hoje ele ainda não fala comigo, nós não nos cumprimentamos. Eu me levantei numa aula de sociologia porque ele disse que ninguém podia dizer que os países daquele tempo da cortina de ferro não podiam ter liberdade, porque ninguém sabia o que acontecia lá, ai eu disse: “já é a falta de liberdade deles que eles não têm porque a gente não pode saber nada deles”. Isso foi um bate boca porque ele era arrogante, era megalomaniaco, ele não aceitava que ninguém o enfrentasse. Já tinha havido um episódio que um dia eu estava matando uma aula de

EPB, que eu detestava EPB e o professor mandou um funcionário me dizer que eu fosse pra sala de aula. Naquela época eu era hippie, eu era o hippie da Universidade, roupas de... [inaudível].

Almir Bueno: Até Diógenes disse: A galera usava o cabelo comprido...

Dirceu Ribeiro de Faria: Eu tinha o cabelo aqui... Eu desci e pedi pra falar com ele quando me trouxe na sala: "O senhor mandou me chamar?" "não, eu mandei você assistir aula", "não vou não, aqui na Universidade o curso é maternal, eu já tenho 24 anos, eu sei o que devo ou não...". Ele começou a gritar: "moleque atrevido, se retire da minha sala", bábábá... eu disse: "Vou me retirar agora e não vou pra sala de aula", e não fui. E por isso depois que ele foi me ensinar, depois de um ano ele foi meu professor de Sociologia, a gente teve novamente esse embate sobre os países da cotina de ferro, houve mesmo uma discussão forte e ele perdeu, a turma viu que ele tinha perdido e ele não admitia perder pra ninguém. E ele me reprovou, quer dizer ele me reprovou, mas eu não fui reprovado porque quando eu fui me matricular, depois de uns dois períodos, que precisava dela, estava faltando uma nota só tinha três notas. E eu tinha prova, aí eu fui à diretora, já era outra direção, e eu provei e isso foi pra Natal, pra o DAE, levaram o documento com a nota e coloram isso e eu fui aprovado. Ele nunca podia imaginar que quando eu ainda fosse precisar disso eu ainda podia ter... [inaudível] mas isso não é política, né? Isso foi uma...

Almir Bueno: Fazia parte. [inaudível] aí você citou como exemplo Salomão Gurgel, você poderia lembrar, poderia citar outros nomes de pessoas que a gente poderia pegar depoimentos sobre essa época, assim...

Dirceu Ribeiro de Faria: Olhe, Cícero Gomes de Faria, que é o professor aposentado daqui, ele participou mais ativamente do que eu da União Estudantil, e morou na residência universitária. Você sabe que residência universitária sempre foi foco de pessoas com ideologias, né? Que Ruy morava lá é Jaime morava lá e Cícero morou um período lá e ficou muito ligado à casa do estudante de Caicó.

Almir Bueno: Cícero é seu parente?

Dirceu Ribeiro de Faria: Hein?

Almir Bueno: Cícero é seu parente?

Dirceu Ribeiro de Faria: É. Cícero é meu parente ainda.

Almir Bueno: Eu vi pelo sobrenome.

Dirceu Ribeiro de Faria: Cícero eu acho que ainda pode dizer muita coisa. Tem uma menina que eu acho que ela, mas eu não sei se ela ainda vem à Caicó, Lucinete Veres, que ela sempre foi a Secretária durante todo tempo da UEC.

Almir Bueno: Ela tá em Natal?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não sei, ela passou dez ou quinze anos fazendo Pedagogia [risos], quando houve o jubramento, não sei se ela terminou, mas ela passou um quinze ou vinte anos fazendo Pedagogia pra morar na residência em Natal, né? Mas eu nunca mais ouvi falar de Lucinete... Mas Cícero pode saber de Lucinete, Salomão...

Almir Bueno: Você pode me fornecer o telefone dele?

Dirceu Ribeiro de Faria: [Coloca a mão nos bolsos procurando algo]. Agora não, mas eu tenho.

Almir Bueno: Pode ser depois. [inaudível] A princípio era isso, Dirceu. Porque a gente tá fazendo o levantamento das pessoas...

Dirceu Ribeiro de Faria: Sim e tem o Max Ribeiro de Faria que é filho do meu tio, eu falei com ele antes de vir pra cá.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Ele é professor de Geografia da EECCAM.

Dirceu Ribeiro: Da EECCAM. Se quiser eu vou lá. Mas Max não sabe de muita coisa, era muito criança, né? [inaudível].

[inaudível]

Edilson Pedro Araújo da Silva: O senhor sabe dizer se existia alguma presença da ASI na Universidade? Esse rapaz, agora é que eu me lembro, ele é que disse que era da ASI. E ele era funcionário da Universidade de Natal.

Almir Bueno: Qual o nome dele?

Dirceu Ribeiro de Faria: Gesiel, irmão de Junior Costa.

[inaudível]

Edilson Pedro Araújo da Silva: O senhor lembra se teve algum colega de classe que sofreu alguma perseguição ou coisa assim?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não. Que eu saiba, não.

Edilson Pedro Araújo da Silva: Algum aluno foi expulso por ter alguma ideologia?

Dirceu Ribeiro de Faria: Não. A única... Houve uma colega minha que foi suspensa porque ela chamou padre Zé Mário de cara de não sei de que. Mais isso era uma coisa pessoal, né? Ela foi suspensa em várias aulas de francês. [inaudível]

Almir Bueno: Só pra encerrar, a gente vai entrevistar padre Tércio, monsenhor Tércio, que está ligado aqui à fundação do próprio CERES. Você acha que dá pra pegar algumas informações com ele?

Dirceu Ribeiro de Faria: Dá, porque padre Tércio, além de viver o período, ele é historiador, né? E padre Tércio foi um cara que sempre foi um homem de tendência de esquerda...

Edilson Pedro Araújo da Silva: A gente também recebeu o nome de uma professora que também poderia contribuir, não lembro o nome dela todo: Maria do Céu. O senhor...

Dirceu Ribeiro de Faria: Não. Do Céu não... ela está lesadíssima, minha grande amiga e eu acho que ela ... Maria do Céu de Oliveira, né?

Almir Bueno: Não foi Marinilce que deu pra você?

Edilson Pedro Araújo da Silva: Foi.

Dirceu Ribeiro de Faria: Do Céu não lembra mais de nada, ela teve um AVC. Do Céu não sabe.

[inaudível]. Eu vou bater um papo com Cícero, eu to com a minha memória muito ruim. Eu vou bater um papo pra ver se reaviva... Se quiser eu volto novamente.

Almir Bueno: Você quer fazer algum tipo de depoimento, alguma observação para própria Comissão?

Dirceu Ribeiro de Faria: Eu só acho que está se perdendo tempo nessa Comissão. Porque não vai haver punição e chega ao cúmulo do STF dar *habeas corpus* pra torturador ficar calado, né? Ter o direito de responder nada. Eu acho um absurdo, quando ele não deixava você ficar calado na base da tortura, ficar calado agora. E não só ficar calado, como agredir, como você viu o cara dizendo “eu não tenho que dar satisfação”...

Almir Bueno: Bate boca.

Dirceu Ribeiro de Faria: Bate boca. E eu acho... Bom, pelo menos pra ficar registrado na história, né? Não é de todo perdido, mas eu gostaria que aqueles caras fossem punidos como na Argentina.